
Discurso Feminista na Revista Donna sob o conceito da apropriação¹

Évilin MATOS²

Francisco de Paula Rocha AMORIM³

UniRitter, RS

RESUMO

O presente artigo aplicou conceitos base de cinco vertentes feministas em reportagens de cinco edições da revista feminina Donna, com o intuito de verificar por meio da análise de conteúdo como o movimento feminista é abordado. O trabalho constatou a presença expressiva do feminismo liberal e do ecofeminismo contrário ao surgimento do feminismo negro, que teve indícios semelhantes ao feminismo queer.

PALAVRAS-CHAVE: Apropriação Capitalista; Feminismo; Revista Feminina; Donna.

1. INTRODUÇÃO

Pinto (2003), que analisa o feminismo no contexto jornalístico, detectou inúmeros jornais militantes que com o tempo, por diversos motivos, foram extintos de circulação. Atualmente, não há um periódico desse teor. Específico para o público feminino há revistas que Antonio (2009) destaca não serem de cunho feminista, uma vez que enxerga a leitora como consumidora. Visto isso, o artigo buscou estudar uma revista feminina para entender se as reportagens alusivas a debates feministas sofrem apropriação do movimento.

Tal pesquisa se faz necessária no contexto em que os discursos nomeados com bandeiras do feminismo se proliferam facilmente na mídia. Morigi (2004) instrui que o senso ético, moral e social é construído na coletividade e que a comunicação de massas tem um papel importante em seu desenvolvimento. Por tanto, a errônea reprodução do movimento pode acarretar em sua percepção deturpada por parte dos leitores.

O objeto submetido à análise está inserido em um jornalismo de massa. A revista⁴ intitulada de Donna é veiculada semanalmente no periódico Zero Hora, no Rio Grande do Sul. É suplemento do jornal desde 2002 e único material separado por gênero. Segundo a pesquisa encomendada pela empresa, a revista possui 421 mil leitoras, sendo que 69% são mulheres de 20 a 49 anos (Nova Revista Donna, 2012). O recorte analisado corresponde às reportagens de edições veiculadas entre os anos de 2013 e 2017, em datas alusivas ao Dia

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda em Jornalismo pela UniRitter, Rio Grande do Sul. E-mail: evilin.matos.jornal@gmail.com.

³ Orientador deste trabalho. Professor de Jornalismo da UniRitter, doutor em Sociologia pela UFRGS.

⁴ Considerado o jornal de maior circulação do Estado com 195,5 mil exemplares impressos e digitais, segundo o site institucional.

Internacional da Mulher.

2. APROPRIAÇÃO CAPITALISTA

Para Santos (2013), apropriação é o processo de “roubar” uma produção já existente e ressignificá-la como se fosse algo novo. Dessa forma, a criação é introduzida em diferentes contextos e perde sua origem. A autora identifica que tal função surgiu no período Pop Art - iniciado em 1950 na Inglaterra e em 1960 nos Estados Unidos - com caráter unicamente comercial e destinado às massas.

Klein (1999) identifica na publicidade, veiculada entre os anos 1980 e 1990, a apropriação do discurso de diversidade. A autora encara as ações publicitárias como apropriações de lutas políticas, uma vez que antes do bombardeio midiático, os militantes pediam por representatividade na busca de um mundo mais justo. Porém, “as políticas de identidade não estavam combatendo o sistema, ou mesmo subvertendo-o. Quando isso chegou à grande nova indústria do branding corporativo, serviu como alimento para ela⁵” (KLEIN, 4 1999, p.90, grifo dela).

A pesquisadora chegou a essa conclusão ao perceber que enquanto os ativismos são retratados em diversos meios de comunicação, na prática as raízes das submissões se mantêm intocáveis. Nesse ponto, Klein (1999) e Fraser (2009) aderem a culpa também aos manifestantes. Para as autoras, os militantes não são tão politizado a ponto de entender o contexto geral da própria submissão que denunciam. Fraser (2009) argumenta que as críticas feministas como assédio e tráfico sexual são amplamente apoiadas, mas continuam existindo em grande escala.

Na visão de Klein (1999), as organizações capitalistas construíram um mantra em cima de debates sociais, causando uma crise de identidade na identidade. Para a pesquisadora, o ideal de representatividade só será alcançado quando as esferas públicas e privadas adotarem posições descolonizadas.

Lugones (2014) explica que mecanismos coloniais favorecem o homem branco heterossexual e classe média, uma vez que ele próprio é o agente regulador de normas, sendo assim, propaga sua autoimagem. Butler (2003) acrescenta que as instituições patriarcais regulam os indivíduos com maiores limitações às mulheres e aos homossexuais,

⁵ Klien (1999) admite que a maior inserção de minorias na mídia tem sim seu resultado positivo, por exemplo homossexuais verem outros gays na televisão significa se ver diante de um espelho.

transformando-os em “os outros”.

Por tanto, Klein (1999) sustenta que enquanto a sociedade for orientada por noções patriarcais e capitalistas, os discursos sociais que serão subvertidos. “O mercado apoderou-se do multiculturalismo e da submissão ao gênero da mesma forma que se apoderou da cultura jovem em geral - não apenas como um nicho de mercado, mas como fonte de novas imagens carnavalescas” (KLEIN, 1999, p.91).

Fonseca (2008) esclarece que tais características estão de acordo com a indústria cultural que sujeita a “atividade social à lógica capitalista, situação que se instala em detrimento do interesse público e com prejuízos à formação de uma esfera pública democrática e plural” (FONSECA, 2008, p.97). Para Porto (2006), a representação tem um peso importante na construção de crenças e pré-conceitos, uma vez que os sujeitos criam através da coletividade a percepção individual da sociedade.

3. FEMINISMO(S)

Linhares; Melo e Silva (2017) propõem a utilização do termo feminismos por entenderem o movimento com pluralidade. Segundo Soares (1994), assim como a categoria “mulheres” oferece distintas faces, o feminismo também concebe inúmeras vertentes capazes de dar conta de projetos específicos. Butler (2003) identifica que um movimento global de “mulheres” limita condições culturais, econômicas e políticas “em que é construído o espectro concreto das ‘mulheres’” (BUTLER, 2003, p.39). As autoras encaram a concepção de um único feminismo como incipiente para abarcar os diversos empregos que as mulheres desempenham ao exercê-lo. Portanto, se oferece a ampliação do entendimento de feminismo e, com isso, da própria concepção de mulheres.

A intersecção de lutas propõe, como explica Hirata (2014), identificar opressões como gênero, classe e raça e mostrar sua interdependência na relação de poder. No entanto, Lugones (2014) observou a exclusão da mulher negra. “Se mulher e negro são termos para categorias homogêneas, atomizadas e separáveis, então sua intersecção mostra-nos a ausência das mulheres negras – e não sua presença” (LUGONES, 2014, p.935).

Passos (2010) ao relembrar as primeiras movimentações de mulheres, indica o surgimento do feminino liberal. Porém, debates provocados pelas feministas do século XX não davam conta da dissolução de opressões pelas quais as mulheres eram submetidas, como ilustra Carneiro (2011), ao ressaltar a inexistência de discussões inerentes às mulheres negras.

“Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando?” (CARNEIRO, 2011, p.1). Tiburi (2018) lembra que no século XX mulheres engajadas no debate de classes como Maria Lacerda de Moura (1887 - 1945) tinham resistência a se declarem como feministas, pois não viam discussões das mulheres trabalhadoras serem abarcadas. Teles (1994) ainda encontra no movimento contemporâneo tal desafio. Ao investigar comunidades dentro de favelas em São Paulo, a autora expõe que as assalariadas conquistaram direitos por meios próprios, uma vez que militantes feministas davam ênfase a aborto e liberdade sexual que acabavam sendo subprioridades de mulheres que têm triplajornada de trabalho.

Na primeira onda feminista – do século XIX até o início do século XX, motivada por países desenvolvidos como Canadá, França e Reino Unido - houve dedicação aos pedidos de reformas de desigualdades políticas e econômicas. Passos (2010) pondera que neste período, as manifestações eram de cunho liberal. A segunda etapa – da década de 1960 até a década de 1980, com forte inclinação nos Estados Unidos - se debruça sobre ramificações do movimento, fase em que correntes feministas começaram a ser concebidas. A terceira onda – iniciada na década de 1990 - se caracteriza por trazer discussões paradoxais do saber, dever e atuar. Influenciada pelo pós-modernismo ganha um nível mais complexo em suas problematizações por envolver diversos enfoques (SANTOS, 2014). O caráter prolífico se deu na quarta onda, intitulada de ciberfeminismo, principalmente pelo mecanismo tecnológico que potencializa o diálogo.

A seguir serão abordadas as cinco vertentes estudadas. Porém, a pesquisadora deste artigo reconhece que os textos se tratam de mecanismos operacionais que não trabalhando a complexidade das vertentes.

3.1 Ecofeminismo

A vertente foi concebida na França, em 1974, com a interconexão das preocupações com o crescimento populacional, a exploração ambiental e a dominação sofrida pelas mulheres pelo patriarcado (SOUZA, 2008). Para as ecofeministas, a associação entre a mulher e o natural se deve a condições inerentes ao organismo feminino, e, justamente, as capacidades femininas reforçam a melhor aptidão se relacionar com a natureza. Dessa forma, há a valorização do feminino (SOUZA, 2008).

Adams (1990) considera que as mulheres possuem uma relação mais intimista com hábitos não danosos à fauna e flora por sofrerem explorações semelhantes aos animais. Souza

(2008) identifica que o ambiente é feminino, por isso a administração dos bens naturais deveriam ser das mulheres. No entanto, na lógica patriarcal, ambos são produtos exploráveis. A natureza fornecendo bens de consumo e as mulheres como forma de procriação. Com isso, a inserção masculina é divergente para a corrente, pois enquanto enxerga o homem como ser importante na mudança de hábitos, reduz sua participação nas manifestações por não possuir a ligação que a mulher tem com o ambiente.

O ecofeminismo ganhou notória visibilidade com a ECO-9⁶, entre as exigências definidas na conferência como imprescindíveis para um ambiente mais saudável estão: defender e recuperar o ambiente natural da América Latina; relacionar problemas de saúde com a degradação ambiental e lutar por direitos reprodutivos e sexuais femininos (SOUZA, 2008). Para Souza (2008), tais exigências fizeram com que a corrente se localize em um “feminismo do diferente”, uma vez que relaciona a submissão feminina com outras formas de exploração do capitalismo.

Quadro 1: Conceitos do ecofeminismo apresentados pela literatura

	Ecofeminismo
Política	Instituições públicas e privadas exploram ambiente natural e mulheres; poder político às mulheres ⁷ .
Sexualidade	Autoconhecimento; liberdade sexual ⁸ .
Trabalho	Ressignificar as empresas e formas de consumo ⁹ .
Homens	Divergência ¹⁰ .
Debate base	Relação harmoniosa entre seres humanos, não humanos e ambiente natural; valorização política do feminino ¹¹ .

Fonte: elaboração da autora com base em Adams (1990); Paulilo (2010); Souza (2008)

3.2 Feminismo Liberal

No século XX, período em que teorias liberais ganhavam espaço na sociedade, as primeiras movimentações de mulheres por direito ao voto, à liberdade sexual e à intelectual surgiram. As ações eram motivadas por mulheres favorecidas

⁶ Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada de 3 a 14 de junho de 1992 na cidade do Rio de Janeiro.

⁷ SOUZA, 2008

⁸ PAULILO, 2010; SOUZA, 2008

⁹ ADAMS, 1990; PAULILO, 2010; SOUZA, 2008

¹⁰ ADAMS, 1990; SOUZA, 2008

¹¹ ADAMS, 1990; PAULILO, 2010, SOUZA, 2008

economicamente, já as trabalhadoras braçais se dedicaram a questões inerentes ao movimento de classes (SCHNEIDER, 2017), ocasionando, em um primeiro momento, a divisão da luta das mulheres. As primeiras foram as precursoras do feminismo liberal e as segundas se alinham a manifestações do proletariado.

A vertente almeja proporcionar liberdade e espaço equiparado ao conjunto denominado “mulheres”, pois, encara que todas são iguais. Como apresenta Passos (2010), a primeira movimentação de mulheres foi a responsável por mudanças radicais na sociedade. Já na contemporaneidade, outras formas de auxílio ao movimento feminista foram traçadas pela corrente. A vertente preconiza a reformulação do papel feminino e busca a inclusão de mulheres em todas as esferas sociais, pois acredita que a representação tem caráter de mudança (PASSOS, 2010).

Quadro 2: Conceitos do feminismo liberal apresentados pela literatura

	Feminismo Liberal
Política	Inserção de mulheres no meio político ¹² .
Sexualidade	Liberdade sexual; autoconhecimento ¹³
Trabalho	Inserção de mulheres em cargos de poder para alterar lógicas opressoras ¹⁴ .
Homens	Aceita ¹⁵ .
Debate base	Empoderar mulheres; divulgar o feminismo ¹⁶ .

Fonte: elaboração da autora com base em ONU Mulheres (2015); Passos (2010), Santana; Rubim (2012)

3.3 Feminismo Negro

A corrente surge ao não ver demandas da mulher negra serem debatidas pelo movimento de mulheres e de raças. Coelho e Gomes (2015) advogam que conquistas de mulheres brancas não significam, necessariamente, conquistas de mulheres negras, uma vez que mulheres brancas ocupam posições de destaque enquanto as mais vulneráveis socioeconomicamente permanecem em situações subalternas.

O preconceito racial, que as autoras denunciavam, também levanta demandas

¹² PASSOS, 2010

¹³ SANTANA; RUBIM, 2012

¹⁴ PASSOS, 2010

¹⁵ PASSOS, 2010

¹⁶ PASSOS, 2010

econômicas e sociais, pois, a exploração fez com que negros produzissem bens aos senhores e a eles nada foi ofertado além de desigualdade (TELES, 1993). Carneiro (2011) denuncia uma cultura colonial que permanece nas relações sociais. Logo, a vertente defende iniciativas de inserção de mulheres e homens negros e da população de baixa renda nas universidades, no trabalho e garantia de saúde e segurança.

Quadro 3: Conceitos do feminismo negro apresentados pela literatura

	Feminismo Negro
Política	Denuncia racismo em instituições públicas e privadas; inserção de negros como forma progressista ¹⁷ .
Sexualidade	Erradicação da lógica sexual colonial; autoconhecimento; liberdade sexual. ¹⁸
Trabalho	Ressignificação da lógica e acesso trabalhista; inserção de negros e classes baixas em cargos de poder ¹⁹ .
Homens	Aceita ²⁰ .
Debate base	Erradicação do racismo; subversão do sistema de acessos básicos; valorização da população e cultura negra ²¹ .

Fonte: elaboração da autora com base em Carneiro (2011); Coelho; Gomes (2015)

3.4 Feminismo Radical

A vertente tenta alcançar a raiz das submissões femininas. Para Silva (2008), através do autoconhecimento sobre a situação feminina e do corpo as mulheres quebraram suas opressões vastamente explorada pela lógica patriarcal, pois, na visão da vertente, somente com a emancipação feminina de sistemas patriarcais que as mulheres alcançaram sua autonomia, por isso estimula mulheres em cargos de poder e representatividade feminina para, além de inserir, alterar a dominância masculina.

A corrente admite diferenças físicas entre os gêneros, mas rejeita os contrastes como limitadores para o exercício de funções laborais e acadêmicas. Por outro lado, exclui mulheres e homens transgêneros do debate por considerá-los como uma demanda diferente da luta das mulheres. Beauvoir (1949) acredita que ninguém melhor para debater a situação das mulheres que elas próprias. Dessa forma, mantém o debate centrado na mulher.

¹⁷ CARNEIRO, 2011; COELHO; GOMES, 2015

¹⁸ CARNEIRO, 2011

¹⁹ CARNEIRO, 2011; COELHO; GOMES, 2015; TELES, 1993

²⁰ COELHO; GOMES, 2015

²¹ CARNEIRO, 2011; COELHO; GOMES, 2015

Quadro 4: Conceitos do feminismo radical apresentados pela literatura

	Feminismo Radical
Política	Crítica instituições públicas e privadas; inserção de mulheres em meios políticos ²² .
Sexualidade	Autoconhecimento; liberdade sexual ²³ .
Trabalho	Inserção de mulheres em cargos de poder; mecanismos de acesso a oportunidades ²⁴ .
Homens	Não aceita ²⁵ .
Debate base	Erradicar o patriarcado; dissolver as formas de submissão feminina; dialogar com mulheres ²⁶ .

Fonte: elaboração da autora com base em Beauvoir (1949); Jota (2007); Silva (2007); Tiburi (2016); Tiburi (2018)

3.5 Feminismo Queer

A vertente milita na desconstrução de padrões impostos para sexualidade, gênero, corpo e desejo. Butler (2003) entende que a delimitação é algo institucionalizado por leis patriarcais que invadem as relações humanas, ditando mecanismos de conduta, como heterossexualidade compulsória. Ao não seguir os conceitos intitulados de naturais, mas apontados, pela autora, como justamente podadores da expressão natural humana, ocasiona a clandestinidade de funções sexuais e de gênero. As condições acabam por reprimir movimentações de todas as formas humanas.

Tiburi (2016) alerta que no caso das mulheres, a construção do feminino é mais danosa por reprimir a sexualidade da mulher em favorecimento de satisfações masculinas, além de aspectos tidos como do universo feminino, tais concepções acabam por criar uma performance.

Butler (2003) elucida sobre o leque de restrições e orientações consolidadas por detentores do poder, ou seja, homens legislando signos, a mulher acabou por sofrer as maiores restrições, visto que, no contexto familiar e de cidadania, a feminilidade é descrita como passiva, enquanto ao homem cabe o ativo prazer - por mais que partes do corpo tenham sido excluídas na noção de masculinidade.

²² SILVA, 2008

²³ JOTA, 2007

²⁴ SILVA, 2008

²⁵ TIBURI, 2018

²⁶ BEAUVOIR, 1949; TIBURI, 2016

Quadro 5 : Conceitos do feminismo queer apresentados pela literatura

	Feminismo Queer
Política	Erradicação de políticas patriarcais ²⁷ .
Sexualidade	Ressignificação de sexualidade, corpo, gênero e desejo ²⁸ .
Trabalho	Erradicação o capitalismo e patriarcado ²⁹ .
Homens	Aceita ³⁰ .
Debate	Desconstruir lógicas de sexualidade, corpo, gênero e desejo ³¹ .

Fonte: elaboração da autora com base em Butler (2003); Tiburi (2016)

4. REVISTA FEMININA DONNA

Dentre os públicos não alcançados pelas editoriais do jornal diário estão: “mulheres, empresários, jovens, vestibulandos, desportistas, crianças etc.” (FONSECA, 2008, p.110). É possível observar a inexistência da categoria “homens”, mas devido à conjugação masculina dos termos é vista a fragmentação da classe. Enquanto isso, a categoria “mulheres” aparece representada por uma única esfera.

A revista Donna, veiculada no jornal Zero Hora semanalmente, é o único é o único material e formato revista, adotado em 2012, após uma pesquisa encomendada pela empresa revelar o alto poder aquisitivo e intelectual da leitora. Por isso, a instituição preconizou investir no design e material da publicação. No período da pesquisa, a revista contava com uma equipe formada por uma editora, uma subeditora, dois repórteres, uma estagiária e uma designer.

Revistas femininas surgiram no século XX no Brasil. De cunho conservador, indicavam modos de agradar ao marido e cuidados com a casa (ANTONIO, 2009). Já os jornais independentes se incubiram de tratar de manifestações em direção a conquistas e problematizações da condição feminina. Para Antonio (2009), as revistas femininas configuram uma terceira vertente, por conectarem o espectro de revistas ao “universo

²⁷ BUTLER, 2003; TIBURI, 2016

²⁸ BUTLER, 2003

²⁹ BUTLER, 2003; TIBURI, 2016

³⁰ BUTLER, 2003

³¹ BUTLER, 2003

feminino”.

5. PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa analisou 30 reportagens de cinco edições veiculadas em alusão ao Dia Internacional da Mulher³², entre 2013 e 2017, na revista feminina Donna, publicada nos finais de semana no jornal Zero Hora. Para alcançar a diversidade de enfoques do feminismo, foram selecionadas cinco vertentes com debates divergentes capazes de abarcar os distintos olhares que o movimento confere às mulheres e suas submissões. Para tanto, foram desenvolvidos conceitos de cada corrente que orientam a coleta e entendimento de informações.

O material das publicações submetido à análise se restringe a reportagens, excluindo colunas de opinião, imagens e publicidade. Como explica Aguiar (2006), a elaboração de matérias passa por determinados processos noticiosos que implicam em sua publicação. Logo, tais mecanismos evitam, dentro de alguns limites, a inserção de opiniões pessoais.

Para realizar a verificação, foi utilizada a metodologia análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977). De acordo com a autora, o andamento da pesquisa consiste em três polos cronológicos: pré-análise; exploração do material e interpretação dos resultados. A primeira etapa da pesquisa obedece três processos importantes: escolha dos documentos, hipóteses e objetos. Bardin (1977) admite que a segunda fase é a parte mais exaustiva, mas com ela é possível decodificar as informações. Já na terceira etapa, os dados coletados são transferidos da forma bruta para a interpretação dos resultados.

6. ANÁLISE DO MATERIAL

A revista utiliza o termo “feminismo” por intermédio de fontes, o que contabiliza três matérias. Em relação às vertentes, nenhuma foi nomeada, o que foi identificado são seus elementos. Geralmente, surge mais de uma corrente por reportagem. Contudo, não há equilíbrio de presença, uma vez que o feminismo liberal, ecofeminismo e feminismo radical surgem em grande intensidade.

Ao longo dos cinco anos, o feminismo radical teve presença significativa e se

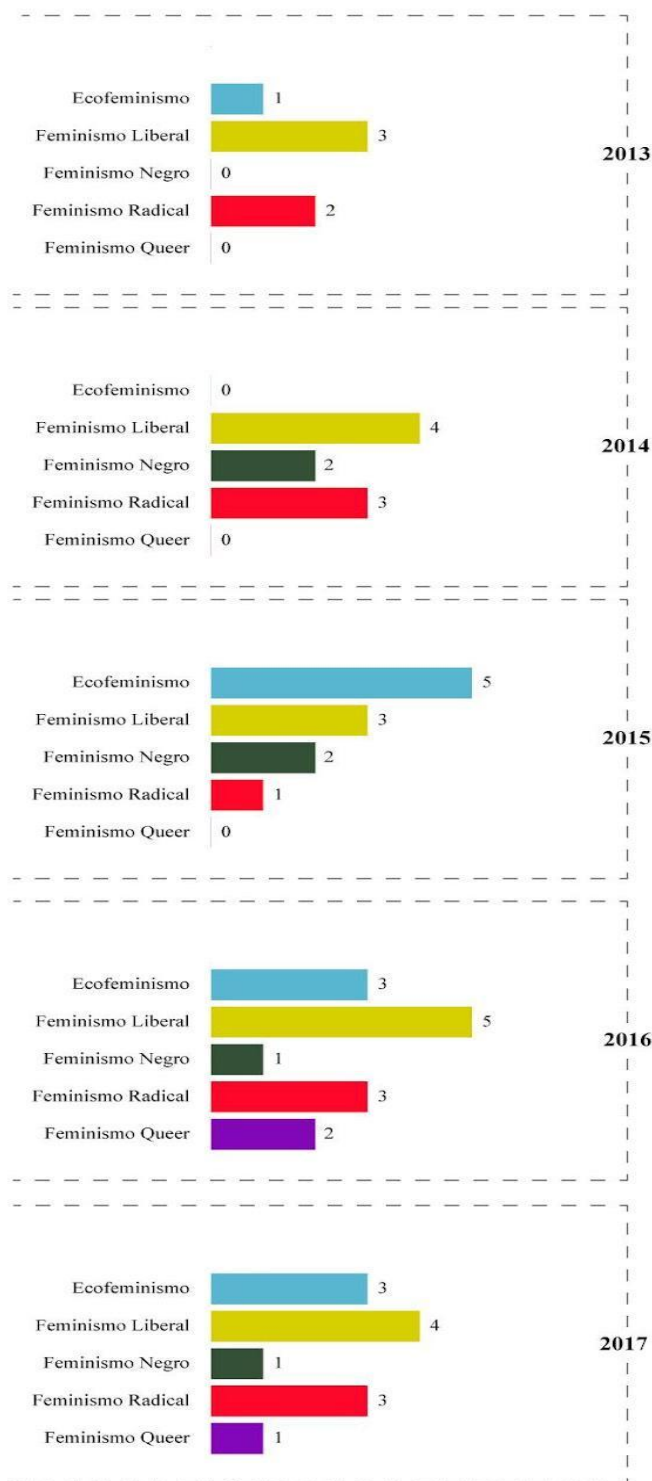
³² Como a revista é publicada apenas no final de semana algumas edições foram veiculadas em outras datas, mas correspondem ao Dia Internacional da Mulher.

referindo a questões ligadas ao corpo e sexualidade. O ecofeminismo aparece para demonstrar novas formas de consumo consciente e relação mais intimista com o corpo através de exercícios físicos e alimentação, demonstrando preocupação individual ligada ao estereótipo da magreza. Antonio (2009) e Hogan (2009) avaliam que a inserção do tema se deve ao fato do capitalismo enxergar tal demanda como oportuna. Já nas reportagens Prêmios Donna Mulheres que Inspiram (2016-2017) o tema aparece por meio de iniciativas que visam à resolução de problemas ambientais.

Poucos resquícios do feminismo queer foram apresentados. Ao se referir ao movimento LGBT+ é em tom de comunidade específica e sem representatividade. O feminismo negro esteve presente nas reportagens do Prêmio Donna Mulheres que Inspiram (2016-2017), ou seja, no universo de mulheres, foram escolhidas mulheres negras para representar suas áreas de atuação. Em 2014, a matéria Adorável Lupita (2014) tem duas páginas com a atriz vencedora do Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante, Lupita Nyong'o. A reportagem incluiu na discussão reflexões sobre problemas de autoestima que negros enfrentam. Demonstrar conceitos da vertente não se mostrou um problema, a dificuldade está em proporcionar espaço equiparado para pessoas negras. Tal constatação confirma a premissa de Carneiro (2011) de que a visibilidade feminina pode não significar a visibilidade negra.

A mulher representada pela revista, mostrou-se como branca, com alto poder aquisitivo, engajada em questões de empoderamento feminino, não casada, heterossexual, escolarizada e com noções femininas. A mulher construída pela revista, se aproxima da adepta ao feminismo liberal.

Gráfico 1: Presença de conceitos das vertentes feminista nas reportagens



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baudrillard (1981), ao criticar a sociedade midiaticizada no período antigo, aponta que as revoluções já estão subvertidas ao sistema capitalista. Para o filósofo, as manifestações revolucionárias servem de material para manter estruturas opressoras atualizadas. Já Shirky

(2011), que pesquisa militâncias na contemporaneidade, mais especificamente no meio digital, observa que a movimentos, sejam eles com qualquer intuito, não se sustentariam apenas no período de maior visibilidade midiática, é necessária alguma motivação intrínseca para se debruçar sobre lutas. Kunzro (2000) complementa apontando que em relação ao movimento feministas iniciativas independentes fomentam debates aprofundados do feminismo, geralmente, oriundo de meios digitais, o que, para a autora, mostra o quanto a ferramenta auxiliou na independência do movimento, criando um ambiente livre de regras e imposições.

Tal constatação demonstra a dificuldade de inserir o debate feminista em meios de comunicação gerenciados por empresas capitalistas. Donna introduziu elementos feministas nas reportagens, como foi observado na pesquisa, a partir de 2015 há maior surgimento de matérias das correntes. Porém, a revista permaneceu com tom classista, heterossexual e branco, não conferindo diversidade. No entendimento de Lugones (2014) e Butler (2003), a revista ainda está alinhada em condições coloniais. Os temas e a forma empoderada como as reportagens são construídas vão de encontra às lógicas do feminismo radical, uma vez que deposita, exclusivamente, na mulher a responsabilidade de inverter estruturas machistas.

A revista tem por intuito conversar com as mulheres, mas não forneceu espaço equiparado às mulheres negras, excluiu as transexuais e citou uma vez a autora lésbica de um romance homoafetivo. As condições são contrárias às premissas do feminismo negro e feminismo queer. Em relação ao ecofeminismo, a revista concedeu debate a conceitos da vertente, tanto em relação a consumo como resoluções de problemas ambientais empreitados por mulheres. O feminismo liberal tem todas as suas premissas disseminadas pela revista.

Percebeu-se com isso que a revista conferiu pouco espaço para temas caros ao feminismo, uma vez que ela afirma por meia do tema que irá abordar e retratar questões femininas, mas utiliza apenas de testemunhos de um grupo de mulher anulando outras. Dessa forma, a revista tem conceitos da indústria cultural (FONSECA, 2008), é de cunho liberal (PASSOS, 2010), proporciona espaço ao ecofeminismo e se apropria do debate feminista (KLEIN, 1999).

8. REFERÊNCIAS

- ADAMS, Carol J. **A Política Sexual da Carne**: a relação entre o carnivorismo e a dominância masculina. São Paulo. Editora Alaúde Editorial, 2012.
- AGUIAR, Leonel de Azevedo. **O jornalismo Investigativo e Seus Critérios de Noticiabilidade**: notas introdutórias. v.7, n.13, p. 73 a 84, jul./dez, 2006.
- ANTONIO, Celso Agostinho. **Revistas Femininas e a Plasticidade do Corpo**: a progressiva modelagem comunicativa. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação na Contemporaneidade). Faculdade Cásper Líbero, São Paulo.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Paris. Presses Universitaires de France, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa. Editora Relógio D'Água.1891.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. Paris. Editora: Nova Fronteira, 1949.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Geledés 2011.
- COELHO, Andreza Maria Sá; GOMES, Sansarah da Silva. **O Movimento Feminista Negro e Suas Particularidades na Sociedade Brasileira**. Maranhão. VII Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2015.
- FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **Indústria de Notícias**: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo. Porto Alegre. Editora da Universidade/UFRGS, 2008.
- FRASER, Nancy. **O Feminismo, o Capitalismo e a Astúcia da História**. New Left Review. n.56, março-abril de 2009.
- HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do Ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte. Editora Autêntica Editora, 2009.
- HIRATA, Helena. **Gênero, Raça e Classe**: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo, Tempo Social. v.26, n.1, 2014.
- HOGAN, Deidre. **Feminismo, Classe e Anarquismo**. São Paulo. Editora Faísca Publicações Libertárias, 2009.
- JOTA, Fernanda Schieber Saúde Vilas Boas de Oliveira. **O Meu Prazer é Meu Maior Desejo**: uma análise da sexualidade feminina na contemporaneidade. Brasília. Dissertação (Mestrado em Psicologia clínica e cultura). Universidade de Brasília, 2007.
- KLEIN, Naomi. **Sem Logo**: A Tirania das Marcas em um Planeta Vendido. Editora Record. 1999.
- LINHARES, Monique de Medeiros; MELO, Rachel Emanuelle Lima Lira Farias de; SILVA, Murilo Mesquita Melo e. **Feminismo, Oriente Médio e Relações Internacionais**: uma visibilização importante. Noveno Congresso Latinoamericano de Ciência Política, 2017.
- LUGONES, María. **Rumo a Um Feminismo Descolonial**. Revista Estudos Feministas. v.22, n.3, 2014.
- MORIGI, José Valdir. **Teoria Social e Comunicação**: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. Revista eletrônica ecompos, n.1. Dezembro de 2004.
- PASSOS, Carla Christina. **A primeira Geração do Feminismo**: um diálogo crítico com o pensamento liberal. Fazendo gênero, 2010.
- PAULILO, Maria Ignez S. **Intelectuais & Militantes e as Possibilidades de Diálogo**. Florianópolis. Revista Estudos Feministas, 2010.
- PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma História do Feminismo no Brasil**. São Paulo. Editora Perseu Abramo, 2003.
- SANTANA, Léa Menezes de; RUBIM, Lindinalva da Silva. **Feminismo e Pornografia**: distanciamento e aproximações possíveis. Paraíba. Universidade Federal da Paraíba, p. 636-648, 2012.
- SANTOS, Magda Guadalupe dos. **O Feminismo na História**: suas ondas e desafios epistemológicos. In: BORGES, Maria de Lourdes; TIBURI, Marcia (Org) Filosofia: machismos e feminismos. Florianópolis. Editora UFSC, 2014. cap. 7.
- SANTOS. M. Inês. **A Apropriação Cultural Como Ferramenta de Criação Artística**: Um Estudo Sobre a Utilização do Sampling no Contexto do Hip Hop Nacional. Dissertação. (Mestrado em Multimídia) Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. n.3. Junho, 2013.

-
- SHIRKY, Clay. **A Cultura da Participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2011.
- SCHNEIDER. Graziela. **A Revolução das Mulheres**. Editora Boitempo Editorial. 2017.
- SOARES, Vera. **Movimento Feminista**: paradigmas e desafios. Estudos Feministas, 1994.
- SILVA, Elizabete Rodrigues da. **Feminismo Radical**: pensamento e movimento. Paraná, v.2, n.3. Revista Travessia, 2008.
- SOUZA. Iriê Prado de. **Os Sentidos e Representações do Ecofeminismo na Contemporaneidade**. VII Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina. Dezembro, 2018.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do Feminismo no Brasil**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1993.
- TIBURI. Márcia. **Feminismo em Comum**: Para Todas, Tode e Todos. Editora Rosa dos Tempos. Janeiro, 2018.
- TIBURI. Marcia. **Ridículo Político**: Uma investigação sobre o risível, a manipulação da imagem e o esteticamente correto. São Paulo, 2016.
- ZERO HORA. **Nova revista Donna**: envolvimento e qualidade agora em novo formato. Porto Alegre, 2012. Disponível em <https://issuu.com/andre0777/docs/case_donna_gr_fica_zh_diagramado> Acesso em 02 de julho de 2018.
- ZERO HORA. **Revista Donna**. Porto Alegre, 10 de mar. 2013.
- ZERO HORA. **Revista Donna**. Porto Alegre, 09 de mar. 2014.
- ZERO HORA. **Revista Donna**. Porto Alegre, 08 de mar. 2015.
- ZERO HORA. **Revista Donna**. Porto Alegre, 05 de mar. 2016.
- ZERO HORA. **Revista Donna**. Porto Alegre, 07 de mar. 2017.